

FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: A PROBLEMÁTICA DA CIDADE CONTEMPORÂNEA: ARRANHA-CÉUS RESIDENCIAIS E O EDIFÍCIO 432 *PARK AVENUE*

STEINHOFEL, Malu Polidório.¹
OLDONI, Sirlei Maria.²

RESUMO

O presente estudo vincula-se à linha de pesquisa “Arquitetura e Urbanismo” se integrando ao grupo de pesquisa “Estudos e Discussões de Arquitetura e Urbanismo” do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. O assunto e o tema do trabalho são a problemática da cidade contemporânea, arranha-céus residenciais e o edifício 432 *Park Avenue*. Quanto a sua contribuição deste trabalho, o século XXI inaugura diversos debates sobre a arquitetura seu poder e seu impacto, os quais devem continuar sendo realizados a fim de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, bem como impedir a construção de não-lugares na cidade contemporânea. A hipótese levantada com esse trabalho é a de que o edifício em questão reforça a gentrificação e reafirma a desigualdade social na ilha de Manhattan em Nova York, além de desrespeitar o skyline e a identidade da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Identidade, Cidade Contemporâneo, Arranha-céus.

1. INTRODUÇÃO

Com o crescimento das áreas urbanas e a especulação imobiliária, a forma da cidade contemporânea passa a seguir os interesses econômicos, conflitando com as reais necessidades humanas. O tema da pesquisa³ é a problemática da cidade contemporânea, as discussões e problemas que a cidade pós-moderna se insere. Já o assunto tem como escopo a desumanização da arquitetura, com foco no edifício 432 *Park Avenue*, e de como edifícios podem impactar a identidade local e seu entorno. De acordo com Bruno Zevi (2009) a arquitetura é uma arte compulsória, e, portanto, o ser humano é obrigado a interagir com ela todo o tempo, isso demonstra a importância da boa análise de uma cidade ao projetar um edifício.

Estudos de caso como esse se justificam ao permitir que exista uma investigação mais específica das possíveis problemáticas sociais e culturais que edifícios provocam. Com isso, pode-se auxiliar acadêmicos, arquitetos e urbanistas a repensar sua maneira de projetar contribuindo para o desenvolvimento da arquitetura e da sociedade. Desta forma, o problema analisado neste projeto se refere a ao seguinte questionamento: o edifício 432 *Park Avenue* desrespeita a identidade da cidade e causa consequências sociais negativas para Manhattan, em Nova York?

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. E-mail: malusteinhofel@gmail.com.

² Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com.

³ O artigo está vinculado à disciplina de Trabalho de Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – TC CAUFAG. O trabalho se insere na linha de pesquisa denominada “Arquitetura e Urbanismo” e integra o grupo de pesquisa intitulado “Estudos e Discussões de Arquitetura e Urbanismo”.

A hipótese é de que o edifício reforça a gentrificação e reafirma a desigualdade social na ilha de Manhattan, em Nova York, além de desprezar o skyline e a identidade da cidade. Arranha-céus residenciais não são necessariamente sinônimo de avanço; eles podem reafirmar a divisão e disparidade entre classes sociais.

Considerando a hipótese do trabalho, o marco teórico deste artigo é a frase do livro de Montaner e Muxí, “Arquitetura e Política”, onde discorrem sobre arranha-céus na cidade contemporânea:

O arranha-céu especulativo e isolado, é a expressão máxima do capitalismo com seu rechaço e desprezo pelas características topológicas, ecológicas, humanas, patrimoniais e sociais do lugar. Além disso a vida social que poderá ser produzida em um arranha-céu sempre será muito limitada: o arranha-céu cospe no espaço público, isola-se da cidade real, não permite que haja lugares de encontro, pois toda vida social se centra no saguão e no elevador, e os intercâmbios acontecem nas entregas [sic] a domicílio. Além disso, consome muita energia. Baseado na climatização artificial, obriga que se use o elevador para qualquer movimento, potencializa uma vida insalubre e pode barrar a incidência do sol no bairro. Em suma, as torres da cidade global são um emblema negativo das piores características da cidade tardo-racionalista e do capitalismo. (MONTANER e MUXÍ, 2014, p.119)

Montaner e Muxí (2014) expressam sua crítica ao arranha-céu, elemento que faz parte do tema apresentado. Para os autores, esse tipo de edificação representa uma faceta do sistema capitalista que despreza a cidade e a sociedade, destacando como este tipo de construção pode impactar o espaço público negativamente, abdicando de interações sociais e causando estragos ao meio ambiente.

O objetivo geral é analisar as consequências, impactos sociais e arquitetônicas do edifício 432 *Park Avenue* em Manhattan na cidade de Nova York. Já os objetivos específicos são, I: Apresentar a cidade contemporânea; II: Conceituar identidade; III: Apresentar abordagens da identidade.

A pesquisa é exploratória, visando uma maior aproximação e familiaridade com o problema. Com um planejamento mais flexível, assume a condição de pesquisa bibliográfica e de estudo de caso ao envolver levantamentos bibliográficos, entrevistas e análises de elementos, informações e referências teóricas, as quais foram recolhidas em livros, artigos e publicações. Dentro de uma pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2017) dizem que existe a possibilidade de que novas conclusões sejam feitas, diferente dos autores originais, é este, assim, o objetivo desse trabalho, através de diferentes literaturas responder e justificar o problema (GIL, 2007).

Dentro da pesquisa é feito um estudo de caso sobre o edifício 432 *Park Avenue*. Gil (2007) define como estudo de caso um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno e que pode ser aplicando nas mais diversas áreas do conhecimento, nesse caso, um edifício na área de arquitetura e urbanismo. O estudo de caso trata-se

de uma abordagem qualitativa. O mesmo autor também fala que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ao preocupar-se com questões humanas que não podem ser quantificadas.

A dialética materialista foi escolhida como abordagem de pesquisa, através de uma visão holística e sistêmica do tema com conclusões mais amplas do que as informações específicas do edifício analisado. O materialismo dialético é a uma corrente de interpretação de fenômenos sociais que apresenta princípio leis e categorias de análise que pretendem ser respeitados do decorrer da análise (RICHARDSON, 2017).

O artigo é estruturado da seguinte maneira, inicia-se pela apresentação e a definição das especificidades da cidade contemporânea, seguidos da conceituação do termo identidade aplicado em arquitetura e da apresentação de abordagens que podem influenciar na manutenção de identidade. São as abordagens: linguagem e semiótica, escala humana e contexto cultura e urbano.

2. CIDADE CONTEMPORÂNEA

Ao se referir à cidade, o autor Colin (2006) define que “é na cidade que se tornam mais evidentes os efeitos culturais; a cidade é um repositório da cultura, onde se sobrepõem, em camadas, os produtos das diversas estruturas e conjunturas sociais que adotaram o seu espaço como palco de atuação”, ou seja, uma cidade só se torna uma cidade a partir da existência de múltiplas facetas da interação humana em um local, da combinação de atividades sociais, econômicas, culturais e políticas; a cidade é consequência desse emaranhado de eventos. Montaner e Muxí (2014) definem a cidade, após os anos 1970, como cidade global, partindo do pressuposto que a globalização tange a contemporaneidade. A cidade global é marcada pelo capitalismo especulativo que negligencia o espaço público e favorece interesses individuais, e, consequentemente, a memória coletiva.

No século XX, áreas desocupadas da Revolução Industrial começaram ganhar novos significados e funções, e uma emergente relação entre o antigo e o novo, e, o preservar e o destruir começa a ser discutido no meio da arquitetura. Em um período marcado por tensões políticas, embates culturais, novos cenários econômicos cidade torna-se campo de experimentações, sendo elas positivas ou negativas; também passa a ser local onde a desigualdade social se escancara e a diversidade de culturas e estilos de vida coexistem. Na época foram estabelecidos processos migratórios e de vida suburbana, as cidades são remodeladas e dilatadas, passando a comportar números muito maiores de habitantes e, consequentemente necessitando de novos estudos para garantir-lhes uma vida digna. A partir disto, surgem da tentativa de abordar as problemáticas

advindas deste cenário político-social pós Segunda Guerra Mundial novas discussões, como da Carta de Atenas³, a qual Montaner (2014) considera o auge do racionalismo e base para o que é conhecido como urbanismo especulativo. Temas tais como o desenvolvimento informal e suburbano passam a ser incluídos no urbanismo e os processos de surgimento de metrópoles são estudados no meio acadêmico. Logo, as relações sociológicas borbulham em quantidade e complexidade, a cidade contemporânea sobressai ao espaço físico (IANNI, 1999; MUNFORD, 2002).

O desenvolvimento tecnológico constante, nas mais diversas áreas do conhecimento, permite que as mudanças na morfologia urbana aconteçam rapidamente. No século XXI, para Jan Gehl (2015), o que antes acontecia pelo lento acréscimo de novos edifícios na malha urbana, hoje se caracteriza por construções diversas e aleatórios, de edifícios altos e isolados, de uma arquitetura rápida que carece de detalhamentos.

O autor Saskia Sassen (1991) compara o simbolismo da cidade do passado com a cidade contemporânea: em nossa história esse espaço era sinônimo de permanência, pois com fim do nomadismo o ser humano passou a se estabelecer em um só local, desenvolvendo a agricultura e criando as primeiras cidades; hoje o espaço é símbolo de mobilidade, de ambiguidade e complexidade de interações. Zygmunt Bauman ⁴ (2001) também divide a cidade em dois períodos, o da modernidade e o da pós-modernidade, ou modernidade líquida. Na modernidade a cidade era gerida pelo racionalismo, não poderia ser ambígua e contraditória, tudo era “sólido”, respeitando primordialmente a técnica e ciência. Já a modernidade líquida destaca o individualismo, o senso de comunidade entra em crise e a imprevisibilidade rege a humanidade, as interações sociais se tornam imprevisíveis e sofrem mutação em maior velocidade.

O encontro e o contato com as pessoas foram reduzidos, dando início a uma arquitetura de fluxos e a um urbanismo de mobilidade, contrapondo-se as ideias modernistas que negavam o perambular. A cidade contemporânea necessita destes espaços, o caminho percorrido entre os lugares também são lugares. Da mesma forma, existem discursos que atrelam o progresso ao consumo e à economia, contrastando com o ideal desses espaços de convivência e perambulação (LINARDI, 1994; PROST, 1992).

Parafraseando Colin (2006), com a chegada da pós-modernidade a produção da arquitetura mostra-se em sua mais inapropriada faceta, ela obedece a parâmetros de consumo e mercado se

³ A Carta de Atenas é um documento elaborado por arquitetos em 1933, qual baseou o urbanismo modernista e selou o compromisso da profissão com a cidade. Foi publicada por Le Corbusier após o CIAM de 1931 (MUMFORD, 2002).

⁴ Zygmunt Bauman foi sociólogo, professor, veterano da Segunda Guerra Mundial, judeu e refugiado, um dos maiores intelectuais do início do século XXI. Denunciou o individualismo e a desigualdade, ultrapassando o meio acadêmico trouxe discussões sobre a modernidade líquida para sociedade (WAGNER, 2020).

afasta de sua real função. A arquitetura passa a copiar significados, a negligenciar valores criativos e simbólicos, e torna-se um mero produto de um catálogo em uma revista.

3. IDENTIDADE

Conforme o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2010, p. 406), identidade define-se como “qualidade do idêntico” e “os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.” Identidade é o termo filosófico utilizado para representar algo que se difere dos outros, ao mesmo tempo em que é idêntico a si mesmo. O conceito se estabelece no sentimento de pertencimento e nas relações sociais, além do caráter biológico e genético, sendo a cultura aspecto e consequência desse sentimento. A dimensão cultural é fator determinante na complexidade de questões que tangem ao indivíduo e à sociedade, pois cada povo possui suas próprias características e peculiaridades que devem orientar discussões sobre tema (HABERMAS, 1988; MORIN, 2005).

Para Ciampa (1987), identidade é metamorfose, é um sentimento dinâmico que nasce da constante interação entre o indivíduo com sua história, cultura e sociedade, assim como na filosofia é a interrelação entre o que é igual e diferente. Já o autor Dubar (1997), enxerga o termo como consequência de uma sociedade e suas relações, a identidade pode ser vista em terceira pessoa, mas nunca completamente compreendida e presenciada por pessoas externas aquela realidade. Partindo deste pressuposto, a questão torna-se mais complexa, considerando que é impossível compreender profundamente e experienciar uma identidade que não pertence a sua própria, tornando as relações entre diferentes culturas e pessoas veementemente ambíguas. O autor define que "identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável".

Partindo da crítica proposta por Venturi (1995), o movimento modernista e sua filosofia funcionalista e pragmática, definiu valores internacionalistas que desconsideravam a identidade local e valorizavam o ideal purista de uma arquitetura livre de ornamentação, esta que está diretamente ligada identidade de uma cultura. Após anos de ápice, os valores modernistas entram em declínio, as deficiências urbanísticas e filosóficas deixadas pelo movimento começam a ser debatidas e criticadas. Os últimos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM's), definiram uma visão mais holística do papel e da responsabilidade da arquitetura e arquitetos e sobre a interação da cidade com seus indivíduos. Venturi, em sua obra *Complexidade e Contradição*, no movimento Pós-moderno e no Regionalismo Crítico, faz uma crítica a retirada de identidade da arquitetura. A falha do modernismo foi não considerar e se preocupar com o

sentimento de pertencimento das pessoas, comprovando com a chegada do pós-modernismo e suas vertentes a latência de uma arquitetura que represente a cultura do local (MUMFORD, 2002; VENTURI, 1995).

Aldo Rossi (1995), em seu livro “a arquitetura da cidade”, destaca que um edifício é a consequência da relação do ser humano com sua própria cultura, logo, sobressai o mundo material gerando significado e simbolismo. Para Rossi (1995 p.1) “os lugares são mais fortes que as pessoas, o cenário mais que o acontecimento. A possibilidade da permanência é o único critério que permite que a paisagem ou as coisas construídas sejam superiores às pessoas”, seguindo esse raciocínio, Augé (1994 p.73) afirma que “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” ou seja é evidente que a arquitetura e a identidade devem funcionar de maneira conjunta e interrelacionaria afim de evitar que *não-lugares* prevaleçam sobre cidades contemporâneas. O autor Lowenthal (1998) também divaga sobre o mesmo tema, para ele a memória é chave para autodesenvolvimento, garantindo nossa identidade pessoal e coletiva, consequentemente, para ser humano antes deve ser história.

Partindo do pressuposto que proteger o patrimônio urbano é importante para que a identidade de uma sociedade seja preservada, ainda existe grande dificuldade em difundir esse pensamento na população, o que reflete diretamente em como a arquitetura e o urbanismo são pensados na contemporaneidade. A arquitetura é primordialmente compulsória, o ser humano é envolvido e influenciado por ela ao longo de toda a vida. Bruno Zevi (2009), em sua obra “Saber ver Arquitetura”, faz uma crítica à maneira que a arquitetura é negligenciada pela sociedade e pelos próprios arquitetos. Não obstante seu papel intrínseco ao cotidiano e valor cultural e patrimonial, a arquitetura não é polêmica como outras artes; ela é esquecida e mal interpretada, tampouco devidamente monitorada. Esse cenário permite que obras incongruentes com a cidade sejam edificadas, desrespeitando a identidade e cultura do lugar.

O público interessa-se por pintura e música, por escultura e literatura, mas não por arquitetura. A arquitetura continua a ser a grande esquecida pela imprensa. A censura funciona para filmes e para literatura, mas não para evitar escândalos urbanísticos e arquitetônicos, cujas consequências são bem mais graves e mais prolongadas que a publicação de um romance pornográfico. Ninguém pode fechar os olhos diante das construções que constituem o palco da vida citadina e trazem a marca do homem no campo e na sua paisagem (ZEVI, 2009 p.9).

Para Lynch (2003) a forma da cidade, transcende apenas valores materiais e práticos, deve funcionar de maneira clara e legível, a fim de facilitar e trazer estabilidade segurança a seus

indivíduos. Quando estabelecida de forma complexa e incongruente pode ser obstáculo na identificação individual dos residentes com sua própria cidade, os processos urbanísticos devem acontecer simultâneos as modificações sociais. Uma possível e provável preocupação, consequência dos novos processos de urbanização, é a de que novas cidades sofram pela falta de uma identidade e fisionomia própria, sendo produto da globalização e os valores remanescentes do modernismo internacionalista.

Fragmentada e mutável, a visão da identidade no contemporâneo necessita mais do que nunca de referenciais que inspirem pertencimento. O patrimônio arquitetônico e urbanismo serve-se a esse papel, constituindo uma herança palpável e cotidiana, um elo entre o passado e o presente que estimula vínculos com a identidade. A história também se perpetua através da relação dos seres humanos com edificações e espaços materiais, pois é neles onde se nasce, cresce e morre (HALL, 2006).

A arquitetura retém elementos históricos, tem o poder de armazenar o passado e transferi-lo para o presente. Para o autor Colin (2006), o valor histórico de uma edificação pode se apresentar como produto e preferências estéticas de uma determinada comunidade, como palco de acontecimentos que marcaram a história, ou como um tributo a feitos e momento memoráveis de uma sociedade. Além dos próprios edifícios, existem elementos arquitetônicos que remetem a povos, culturas e épocas, estes que quando apresentados de maneira alheia a seu local de origem ainda assim mantem-se relacionados ao mesmo. Elementos arquitetônicos históricos são comumente utilizados em obras contemporâneas como referências e *links* ao passado e a diferentes locais.

4. ABORDAGENS DE IDENTIDADE

Este item define critérios das abordagens para um diagnóstico da interação de uma edificação com seu meio, e a população que a envolve. Ao analisar um edifício é possível identificar fatores que influenciam nos critérios de sua identidade, como: linguagem semiótica, a escala humana e o contexto urbano e cultural.

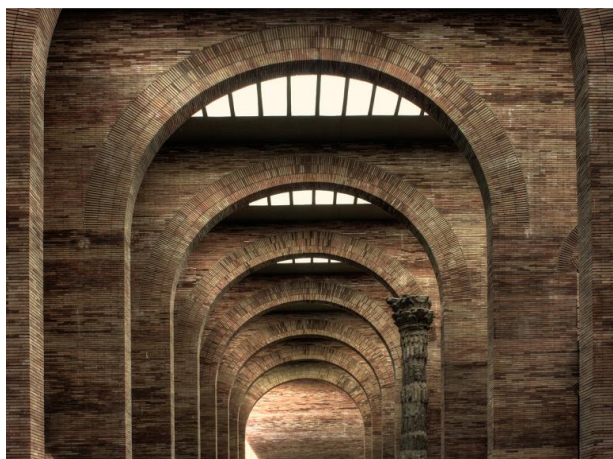
Linguagem semiótica: semiologia, no Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2010, p.691), significa ciência geral dos signos e dos sistemas de significação. Já o termo linguagem, mesmo sendo mais comumente associado a fala e a escrita, é utilizado amplamente dentro da arquitetura contemporânea. Quando entendemos arquitetura como linguagem, subentendesse que ela possui o poder de mensageira, ou seja, de passar adiante uma mensagem, a semiótica é justamente a

linguagem que se apresenta de maneira não verbal, através de signos. Deste modo é mais apropriada se referir a linguagem arquitetônica como semiologia (COLIN, 2006).

O aspecto da linguagem arquitetônica tem sido tema de debate desde a antiguidade, Vitruvius, autor da obra "*De Architectura*"⁵, já discutia em sua época temas de linguística, assim como fomentava discussões sobre significado e significante na arquitetura (COLIN, 2006).

O Museu Nacional de Arte Romana de Mérida na Espanha, apresentado na imagem 1, representa uma arquitetura sensível ao espaço e a histórica local. O edifício, em seus aspectos formais, dialoga com o teatro romano vizinho a sua implantação, o arquiteto Rafael Moneo resgata elementos históricos e reinterpreta com um olhar contemporâneo, é a conversa não verbal entre o passado e o presente. O projeto, apesar de marcante visualmente, não pretende sobressair as ruínas romanas vizinhas, mas sim abrir uma conversa entre suas características (LANGDON, 2017).

Imagem 1 – Museu Nacional de Arte Romana.



Fonte: Lozano, 2017.

O projeto de Rafael Moneo expressa uma arquitetura sóbria, respeitosa e condizente ao local, demonstrando que projetar com novos métodos e estéticas sem agredir o entorno existente é completamente exequível.

Escala Humana: O ser humano, no decorrer de sua evolução como espécie, desenvolveu sua visão a partir do plano horizontal, onde a maior parte do campo visual tende para baixo. Ao caminhar, a cabeça humana inclina para baixo cerca de dez graus, ou seja, evolutivamente o homem possui uma dificuldade constante de manter seu olhar para cima. A maneira que as pessoas percebem o espaço é limitada a sua escala e visão, consequentemente quando um edifício alto é construído apenas pode ser analisado de forma integral a longas distâncias. Logo, respeitar a escala

⁵ *De Architectura*: datada da década de 20 a.C., representa uma das poucas obras da antiguidade que se preservaram até a contemporaneidade. O livro carrega conhecimento sobre práticas arquitetônicas da época (CUNHA, 2014).

e as limitações visuais humanas define-se como princípio e parte natural do tecido urbano e de uma paisagem humana (GEHL, 2015).

Jan Gehl (2015), ao escrever sobre a cidade contemporânea, relata o costume de arquitetos e urbanistas de desconsiderarem o tamanho e o campo visual dos indivíduos ao projetar edificações. Para o autor, o planejamento de um local deve considerar a seguinte ordem de prioridade “primeiro a vida, depois o espaço e só então os edifícios”, portanto os sentidos do corpo humano recebem o título de protagonista dos espaços, e a cidade deve ser “esplêndida ao nível dos olhos”.

A preocupação com a escala humana pode ser percebida nos projetos de Ralph Erskine, arquiteto conhecido por defender a inclusão da comunidade na elaboração de projetos e processos humanizados para concepção de edifícios. Uma de suas obras mais aclamadas, a renovação do Complexo de Byker em Newcastle no Reino Unido, conforme a imagem 2, demonstra a sensibilidade de Erskine quanto a percepção humana da edificação, apresenta ela como parte da construção da própria cultura local é “amigável aos olhos” (CAMPOS, 2016).

Imagem 2 – Byker.



Fonte: New Castle Areas, 2014.

O complexo de Byker marca o começo das leituras comunitárias, provando que, ao introduzir a população no processo criativo e funcional de um projeto, é possível garantir uma boa relação entre os indivíduos e seu meio, aguçando o sentimento de pertencimento e incentivando processos de manutenção e conservação do patrimônio local.

Contexto cultural e urbano: Quando considerado os aspectos visuais das cidades atuais destaca-se a coexistência de edifícios de diversas linguagem e épocas. Há um contraste entre o antigo e novo, além disso os edifícios contemporâneos possuem diferenças significativas de linguagem e forma o que pode trazer a cidade elementos alheios a sua identidade A arquitetura moderna pecou em prever a coexistência de diferentes camadas da arquitetura e seus diversos períodos na cidade, o que posteriormente na história foi alvo de avassaladoras críticas já que os

modernistas viam a construção de novos edifícios como solução dos problemas urbanísticos pós-modernos, ignorando o contexto urbano e histórico que não deixaram de existir com a chegada das obras da vanguarda. Atualmente os ideais modernos continuam presentes na visão de muitos arquitetos, o que explica o fato de equívocos contextuais continuarem a aparecer em obras contemporâneas, nas palavras de Colin (2006) os discursos destes arquitetos “são discursos autocentrados que exibem e realçam as próprias qualidades, entre as quais não se inclui o zelo pela integridade ou harmonia dos contextos preexistentes” (COLIN, 2006).

O pensador e urbanista contemporâneo Jan Gehl (2015), considera que no século XXI a arquitetura se distanciou de edifícios previamente pensados, com detalhamentos, e elaborados em cima de um contexto urbano, este período é marcado pelo individualismo de edificações e pela insensibilidade ao local de sua implantação. A também urbanista, Jane Jacobs (2011) destaca que, “as cidades precisam tanto de prédios antigos, que talvez seja impossível obter ruas e distritos vivos sem eles”, pois se um local não possui edifícios comuns e com custos baixos, apenas empresas e indivíduos específicos terão a condição de arcar com as custas destas edificações desencadeando em processos de gentrificação da área. Assim, demonstrando a necessidade da coexistência de ambas as facetas da arquitetura, a nova e tecnológica e a antiga e acessível.

Mas, há também edifícios os quais seus projetos atentaram-se ao entorno, mostrando eficácia em garantir a harmonia com a arquitetura já existente sem deixar de ousar com aspectos novos. Um bom exemplo de projeto é o Grande Hotel Ouro Preto, ao lado esquerdo da imagem 3, uma edificação projetada pelos arquitetos Lucio Costa e Oscar Niemeyer, dois fortes nomes na vanguarda modernista brasileira (JATOBÁ, 2015).

Imagem 3 – Grande Hotel Ouro Preto.



Fonte: MariaJoão, 2013.

O hotel é edificado em um local com contexto fortemente histórico, a cidade de Ouro Preto é parte significativa da história da região e do país, consequentemente construir um hotel que não

sobressaísse a estética da cidade mostrou-se ser de suma importante. O edifício, mescla-se ao contexto urbano e da cultura local ao mesmo tempo que possui identidade própria e com valores modernos, encontrando um equilíbrio entre ambos os aspectos (JATOBÁ, 2015).

4.1 SÍNTESE DAS ABORDAGENS

A tabela abaixo apresenta a síntese das abordagens apresentadas acima (linguagem semiótica, a escala humana e o contexto urbano e cultural), de forma a apresentar a essência de cada uma e de auxiliar na análise a ser desenvolvida posteriormente.

Tabela 1: Tabela síntese dos critérios das abordagens

Crítérios	Características
Linguagem semiótica	Quando entendemos arquitetura como linguagem, subentendesse que ela possui o poder de mensageira, ou seja, de passar adiante uma mensagem, a semiótica é justamente a linguagem que se apresenta de maneira não verbal, através de signos. Deste modo é mais apropriada se referir a linguagem arquitetônica como semiologia (COLIN, 2006).
Escala humana	A maneira que as pessoas percebem o espaço é limitada a sua escala e visão, consequentemente quando um edifício alto é construído apenas pode ser analisado de forma integral a longas distâncias. Logo, respeitar a escala e as limitações visuais humanas define-se como princípio e parte natural do tecido urbano e de uma paisagem humana (GEHL, 2015).
Aspectos culturais e urbanos	Quando considerado os aspectos visuais das cidades atuais destaca-se a coexistência de edifícios de diversas linguagens e épocas. Há um contraste entre o antigo e novo, além disso os edifícios contemporâneos possuem diferenças significativas de linguagem e forma o que pode trazer a cidade elementos alheios a sua identidade (COLIN, 2006).

Fonte: elaboração da autora, 2021.

Portanto, os critérios de abordagem foram escolhidos baseados na premissa de que toda arquitetura possui uma linguagem semiótica, a qual, pode ou não respeitar a escala humana e os

aspectos culturais e urbanos locais. Ao analisar o edifício *432 Park Avenue*, faz-se necessário comparar a escala humana com a altura do edifício, essa ação é importante pois relaciona as limitações fisiológicas da visão e a forma de um projeto. Além disso, o contexto cultural e urbano de seu entorno deve fazer parte da concepção projetual de um edifício, levando em consideração as novas configurações sociais e urbanísticas da cidade contemporânea.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo começou por conceitualizar a cidade do século XX e XXI, e, diante do que foi exposto, pode-se concluir que a cidade contemporânea é palco de intensas reformas culturais, portanto, a globalização e o capitalismo especulativo delimitam novos parâmetros de cidade e espaço urbano. A cidade contemporânea é essencialmente complexa, inaugurando necessidades e dinâmicas sociais; é entregue ao arquiteto e urbanista um papel decisivo nas soluções das problemáticas recém despertadas, assim, justificando a necessidade deste artigo para o meio acadêmico e social, que, bem como o mundo, precisa atualizar seu conteúdo paralelo a elaboração de novos edifícios. A pesquisa foi feita bibliograficamente em livros de Josep Montaner, Silvio Colin, Jan Gehl e outros importantes teóricos contemporâneos, que definiram e analisaram as problemáticas da nova era.

Após conceituar e definir o cenário da nova cidade, o termo identidade foi apresentado. Foram introduzidos vários pensamentos acerca do termo, como os de Aldo Rossi, Kevin Lynch e Stuart Hall. Considerando que, neste século, sentimentos como a identidade e memória entram em colapso, e a arquitetura e o patrimônio histórico ganham protagonismo como ferramentas de manutenção deles, também foi possível levantar teorias de Robert Venturi sobre as críticas e visões gerais modernistas e as de Bruno Zevi sobre a ignorância que permeia a arquitetura. Logo, foi definido que, ao planejar um local, é importante fomentar uma relação de pertencimento aos habitantes e seu entorno, assim abrindo a argumentação para o próximo tópico de abordagens de identidade.

Edifícios contemporâneos passam pelo desafio de respeitar a linguagem semiótica, a escala humana, e o contexto urbano e cultural da cidade, termos os quais foram descritos de maneira individual e, acompanhados de exemplos de três obras, uma para tema, sendo elas: o Museu Nacional de Arte Romana de Rafael Moneo, o Complexo de Byker de Ralph Erskine e o Grande Hotel de Ouro Preto de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Deste modo, é possível concluir, com o trabalho desenvolvido até o momento, que, apesar de existirem ferramentas e informações acessíveis, projetar edifícios sem envolver seu entorno é um

equivoco recorrente no meio da arquitetura. Fato este que, escancara a necessidade de estudos preliminares junto à comunidade e uma análise profunda do local. Uma arquitetura que não respeita sua população e a escala humana é um mero equivoco, um não-lugar.

O artigo será ajustado para a publicação do 8º Simpósio de Sustentabilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais do Centro Universitário FAG. O próximo passo é apresentar três novos objetivos, seguindo a cronologia e numeração dos objetivos já apresentados, IV: Compreender história da urbanização de Manhattan na cidade de NY; V: Identificar as consequências que o edifício Park Avenue e os Arranha Céus residenciais podem trazer para a população da cidade; VI: Comprovar ou refutar a hipótese inicial.

Ou seja, considerando o que foi apresentado, será feita uma conceituação da história da urbanização de Manhattan na cidade de NY, pois, antes de se iniciar o estudo de caso, é necessária uma ampla contextualização do local. Consequentemente, após analisar o contexto em que o edifício se insere e se utilizar das abordagens de identidade como parâmetro de diagnóstico, torna-se possível realizar o estudo de caso do edifício 432 *Park Avenue*. Também, das possíveis consequências que ele, e outros arranha-céus residenciais de Manhattan, podem trazer para a população local, concluindo ao comprovar ou refutar a hipótese inicial.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus Editora, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, Paulo Eduardo Fonseca. **Design Arquitetônico**: Uma abordagem projetual com foco no usuário, como protagonista e agente de projeto, ou das cooperativas de habitação uruguaias ao dissenso modernista do “Byker Wall”. São Paulo, 2016.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COLIN, Silvio. **Uma introdução a arquitetura**. 3. Ed. São Paulo: Uapê. 2006.

CUNHA, Macsuelber de Cássio Barros da. **Vitrúvio e a escrita do de architectura: um preceituário Para um bom construtor**. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Macsuelber_de_C%C3%A1ssio_Barros_da_Cunha_-_VITR%C3%A9VIO_E_A_ESCRITA_DO_DE_ARCHITECTURA_UM_PRECEITU%C3%81RIO_PARA_UM_BOM_CONSTRUTOR.pdf. Acesso em: 24 Mai.2021.

DUBAR, Claude. **Para uma teoria sociológica da identidade**. Em A socialização. Porto: Porto Editora.1997.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3.Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Vol II. Madrid: Taurus, 1988.

- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 14. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. Ed. Curitiba: Saraiva, 2010.
- IANNI, Octavio. “**Cidade e modernidade**”, em SOUZA, Maria Adélia de et al. (org.) *Metrópole e globalização*. São Paulo, CEDESP, 1999.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- JATOBÁ, Sérgio Ulisses. **Grande Hotel Ouro Preto**. Um divisor de águas. *Arquiteturismo*, São Paulo, ano 09, n. 100.02, Vitruvius, jul. 2015. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/09.100/5633>>. Acesso em: 16 Mai.2021.
- LANGDON, David. **Clássicos da Arquitetura**: Museu Nacional de Arte Romana / Rafael Moneo. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/794377/classicos-da-arquitetura-museu-nacional-de-arte-romana-rafael-moneo>>. Acesso em: 16 Mai.2021.
- LLINARDI, Maria Cecília Nogueira. **Pensando sobre a cidade contemporânea**. Semina: Cio Soc./Hum., Londrina, v. 15, n. 3, p. 239-245, 1994.
- LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História. São Paulo, no17, p. 63-201, nov. 1998.
- LOZANO, Guzmán. **Museu Nacional e Arte Romano**. Disponível em: <https://architectureboard.wordpress.com/2017/02/06/museo-nacional-de-arte-romano/>. Acesso em: 24 Mai. 2021.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARIAJOÃO. **Oscar Niemeyer** - Grande Hotel de Ouro Preto. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/46190396@N08/15932730415>. Acesso em: 24 Mai.2021.
- MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política**: ensaios para mundos alternativos. 1.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- MONTANER, Josep Maria. **A modernidade superada**: ensaios sobre arquitetura contemporânea. 1.Ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MUMFORD, Eric. **The CIAM Discourse on Urbanism**, 1928-1960. Londres: MIT Press, 2002.
- NEW CASTLE AREAS. **Byker**. Disponível em: <https://newcastleareas.wordpress.com/byker/>. Acesso em: 24 Mai. 2021.
- PROST, Antoine. **História da vida privada**.1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SASSEN, Saskia. **The global city**. Nova York: University Press, 1991.
- VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição na arquitetura**. 1.ed. São Paulo: Martins fontes, 1995.
- WAGNER, Izabela. **Bauman**: Uma biografia. 1 Ed. São Paulo: Zahar, 2020.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. 6. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.